

PLURAL MAJESTÁTICO

(Especial para o "Correio do Povo")

1919/58
GUSTAVO CORÇÃO

Respondendo a diversos leitores, que me perguntam o que penso da declaração do sr. Cardeal de São Paulo, sou forçado a confessar que não me pareceu feliz aquêlê pronunciamiento. Se não é apócrifo o texto que tenho diante dos olhos, direi que o sr. Cardeal, para exprimir uma opinião personalíssima sôbre o discutível objeto que é a reputação do sr. João Goulart, usou muito impropriamente o que chamamos "plural majestático". Disse Sua Eminência que a direção do sr. João Goulart à frente do PTB "nos inspira, a nós da Igreja, a maior confiança..." Ora, não me consta que tenha havido recentemente um concílio universal para resolver o problema da confiança que a Igreja deve depositar no sr. João Goulart, nem me parece que o episcopado brasileiro, que mais de perto conhece o problema, tenha autorizado o sr. Cardeal de São Paulo a falar naquêlê tom. Já notei que nossos jornalistas têm certa tendência a identificar as palavras e as opiniões dos bispos com o pensamento da Igreja universal. Tempos atrás, sôbre matéria contingente e temporalíssima — creio que se tratava da moça Aida Curi — fui entrevistado por um jornalista que começou por me dizer que já tinha a palavra da Igreja. Como eu manifestasse espanto, o moço explicou-me que acabara de entrevistar Dom Helder Câmara. Com o vício de professor não consegui sopitar a retificação, e ensinei ao jornalista que Dom Helder Câmara não é a Igreja, e que os bispos, na maior parte das coisas que dizem, não empenham a autoridade da Igreja, mesmo porque, se assim fôsse — coitado dêles! — não poderiam mais abrir a bôca para enunciar as coisas simples, certas ou erradas, neutras ou consequentes, que todos nós temos necessidade de dizer. Um Cardeal pode gostar de marmelada, sem que êsse paladar se torne oficial e católico.

Outro Cardeal poderá não gostar da geléia, sem que o desgosto tenha caráter de heresia ou de cisma. E o que digo do doce vale para o sr. João Goulart. Não sei de que dados especiais se nutre a convicção e a confiança do sr. Cardeal de São Paulo. O que todos nós sabemos é que pairam gravíssimas suspeitas sôbre a lisura do personagem, e dêle mesmo temos as declarações de aliança e de simpatia com o partido do sr. Luis Carlos Prestes. Se o sr. Cardeal de São Paulo teve uma revelação particular da inocência e da pureza do sr. Goulart torna-se compreensível a sua opinião, mas assim mesmo continua inadmissível o uso do plural majestático.

Na continuação de seu pronunciamiento, o sr. Cardeal de São Paulo diz: "...e esta confiança é o melhor penhor de entendimento entre os dois Poderes — Estado e Igreja — com os efeitos mais benéficos no sentido da paz social, que é a aspiração de todos nós". A confiança e o entendimento são indubitavelmente bons quando bem fundamentados; mas são péssimos em caso contrário. Se o governo é ruim, se tal Vice-Presidente ou tal Ministro são homens que mais cuidam do interesse próprio do que do bem comum, então, sem a menor sombra de dúvida, a confiança proclamada por Cardeais e bispos e o consequente entendimento ganham proporções de calamidade pública.

Eu quero viver e morrer com a graça de Deus em obediência ao magistério e ao governo da Igreja; quero envelhecer com respeito crescente por tudo que me venha da Espôsa de Cristo; mas para bem cultivar essas virtudes é indispensável que saiba bem discernir a palavra da Igreja das opiniões personalíssimas que os srs. Bispos e Cardeais tenham do sr. João Goulart ou das obras do sr. Israel Pinheiro.*